

HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE: CATEGORIAS ANALÍTICAS PARA AS PROBLEMÁTICAS SOCIAIS DA COMUNIDADE LGBTI+

HOSPITALITY AND HOSTILITY: ANALYTICAL CATEGORIES FOR THE SOCIAL PROBLEMS OF THE LGBTI+ COMMUNITY

Cesar Barbosa Constantino¹

Rafael Cunha Ferro²

Resumo: Considerando a hospitalidade como antítese da hostilidade, gerando e mantendo relações sociais positivas baseadas em valores humanos, a escassez de estudos que abordam a hospitalidade para a comunidade LGBTI+ e a falta de sistematização sobre as formas de hostilidades existentes, este artigo objetiva analisar manifestações de hospitalidade e hostilidade em publicações nacionais e internacionais. Com base em uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) e Análise de Conteúdo, foram examinados 334 documentos. Os resultados reforçam a relevância da hospitalidade como lente para a compreensão de fenômenos relacionados à comunidade LGBTI+ e a indissociabilidade entre hostilidade e hospitalidade nessa interseção temática.

Palavras-chave: Hospitalidade; Hostilidade; LGBTI+; Produção Científica.

Abstract: Considering hospitality as the antithesis of hostility, generating and maintaining positive social relationships based on human values, the scarcity of studies addressing hospitality for the LGBTI+ community and the lack of systematization on the forms of hostility that exist, this article aims to analyze manifestations of hospitality and hostility in national and international publications. Based on a Systematic Literature Review (SLR) and Content Analysis, 334 documents were examined. The results reinforce the relevance of hospitality as a lens for understanding phenomena related to the LGBTI+ community and the inseparability between hostility and hospitality in this thematic intersection.

Keywords: Hospitality; Hostility; LGBTI+; Scientific Production.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Mestre em Hospitalidade – Universidade Anhembi Morumbi; Tutor – Universidade Anhembi Morumbi / Senac São Paulo / Centro Universitário Ítalo Brasileiro; E-mail: cesartanti2013@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0004-4429>.

2 Doutor em Hospitalidade – Universidade Anhembi Morumbi; Professor adjunto – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade – Universidade Anhembi Morumbi; E-mail: rafacerro@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9063-8395>.

Introdução

Na atualidade, estima-se que a comunidade LGBTI+, sendo essa a terminologia adotada nesta pesquisa, dadas as orientações do Manual de Comunicação LGBTI+ (Reis, 2018), represente em torno de 10% da população brasileira, cerca de 20 milhões de pessoas, conforme uma pesquisa divulgada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). Muitos dos levantamentos realizados em referência a essa comunidade estão associados aos índices de violência. Pesquisa da organização de mídia Gênero e Número, com o apoio da Fundação Ford, indicou que pelo menos 51% das pessoas LGBTI+ já sofreram algum tipo de violência motivada pela sua orientação sexual ou identidade de gênero. O preconceito e a hostilidade ocorrem tanto por meio verbal (94% dos registros de violência) como física (13%) (Fundo Brasil, 2023).

O significado de hostilidade, em um entendimento filosófico centrado em Derrida (2003), pauta-se no não acolhimento do estranho ou da estranheza que uma outra pessoa gera no eu. Deparar-se com a estranheza gera impulsos de autodefesa, uma vez que o estranho pode representar um perigo iminente à existência do indivíduo e da sua comunidade.

Dado esse cenário, a hospitalidade emerge enquanto um fenômeno inerentemente ético, e, portanto, humanizado e humanizante, no intuito de servir como uma antítese das hostilidades historicamente tão presentes em nossa vida em sociedade (Camargo, 2015). Ela permite que as relações sociais se aflorem e sejam alimentadas sem que um ou outro recorra às formas de hostilidades, quaisquer que sejam, respeitando-se e honrando-se mutuamente (Pitt-Rivers, 2012). A partir das contribuições de Derrida (2003), compreende-se que o acolhimento da diferença é uma abertura para o aprendizado oferecido pelo contato com ela, numa dinâmica em que “[o] outro representa o que o eu que ainda não é” (Ribeiro; Barretto, 2013, p. 225).

Dessa forma, para além de ser entendida como um setor, a hospitalidade é uma lente social que permite a análise de relações interpessoais sensíveis, as quais são permeadas por diferenças entre os atores envolvidos (Lashley; Lynch; Morrison, 2007), a saber: o anfitrião e o hóspede.

É nesse contexto que se discute os contrapontos entre a hospitalidade e a hostilidade para com as pessoas da comunidade LGBTI+, que estão presentes em todos os ambientes da sociedade. Considerando a escassez dos estudos acadêmicos que abordam essa interseção temática, pretendeu-se com esta pesquisa analisar as manifestações de hospitalidade e hostilidade em relação à comunidade LGBTI+ a partir de uma revisão sistemática da literatura.

Foi definida como metodologia a Revisão Sistemática da Literatura (RSL), sendo que as bases de dados escolhidas para a pesquisa foram: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Scopus. Para o tratamento dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016). O corpus foi constituído por 334 documentos (artigos completos de periódicos, dissertações e teses), sendo que a análise desses documentos se ateve aos títulos, resumos e palavras-chave.

Os resultados demonstram a maior incidência de produção no âmbito internacional quando comparadas àquela no âmbito nacional, bem como a preferência por estudos voltados a sujeitos gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais. Na sequência, buscou-se delimitar as temáticas e propor subcategorias nas quais a comunidade LGBTI+ vem sendo abordada sob a ótica das categorias “Hospitalidade” e/ou “Hostilidade”.

Este artigo continua com a apresentação do conceito de hospitalidade, a sua relação com a hostilidade, e incitações iniciais sobre a interseção dessas temáticas para com a comunidade LGBTI+. Na sequência são apresentados os procedimentos metodológicos, os resultados e as discussões, e, por fim, são tecidas as conclusões, apontando as principais contribuições e limitações desta pesquisa.

1 Referencial teórico

Conceituando hospitalidade: do estranho ao hóspede

Para Lashley (2015), até o final do século XX, hotéis, restaurantes, cafés e bares eram sinônimos de oferta de alimentação, bebida e acomodação. Tais espaços eram considerados locais de hospitalidade, especialmente pelos serviços prestados. O termo tornou-se um descritor conveniente para o setor, mas ajudou a promover uma imagem tecnicista de hospitalidade. Atualmente, o campo da hospitalidade superou essa perspectiva estritamente técnica, avançando para uma compreensão das relações humanas.

A hospitalidade passa a ser fundamentada na relação entre quem recebe (anfitrião) e quem é recebido (hóspede), buscando gerar uma relação interpessoal positiva, marcada por sentimentos de amizade, amor e calor humano, expressões de virtude (Camargo, 2015; Lashley, 2015). Essa relação é permeada por experiências emocionais diversas, manifestando-se em diferentes lugares e formas, influenciada por políticas e aspectos culturais

(rituais e leis não escritas), especialmente marcada por episódios de inclusão e exclusão social (Camargo, 2015; Lashley; Lynch; Morrison, 2007).

A partir disso, a hospitalidade se caracteriza pelo fenômeno em que o anfitrião confere o *status* de hóspede a um estranho, permitindo que o desconhecido seja aceito temporariamente em um ambiente, seja físico ou psíquico, do anfitrião, sem recorrer à hostilidade (Grassi, 2011). Grassi (2011) ressalta que esse gesto nem sempre é espontâneo ou confortável, pois, devido a circunstâncias históricas, hostilidades podem ser vistas como formas de proteção do território, gerando temor à desordem que o estrangeiro representa, tanto física quanto simbolicamente.

O termo *hospitalitas*, proveniente de *hospitalis* e *hospes*, iguala o estrangeiro e o nativo, que recebem os benefícios da hospitalidade, sem desigualdade de lugar e status, caracterizando uma acolhida inicial, caridade e solidariedade, implicando “obrigatoriamente, a penetração num espaço e a instalação de um ritual de acolhida” (Grassi, 2011, p. 45).

Com esse entendimento, a entrada do estranho em um espaço, físico ou psíquico, é mediada por rituais que simbolizam aceitação e a potencial desordem que o estranho pode representar. Derrida (2000) aprofunda essa ideia, mostrando que, para haver hospitalidade, o anfitrião deve manter sua autoridade sobre o espaço, limitando a incondicionalidade desse acolhimento. Assim, a hospitalidade é paradoxal: convida o outro a entrar, mas estabelece barreiras que determinam o comportamento esperado, configurando a relação como controle e soberania. O entendimento básico é que, mesmo que a hospitalidade tenda a um movimento incondicional de acolhida, a presença do Outro traumatiza e tensiona as fronteiras do pertencimento e da identidade (Derrida, 2000).

Podem-se aprofundar os entendimentos sobre a hospitalidade ao entendê-la como uma relação essencial no campo social e cultural, sendo o centro de transações (simbólicas e materiais) entre hóspede e anfitrião. Assim, mesmo em seu próprio território geográfico, o indivíduo pode ser visto como estranho, podendo tornar-se virtualmente um inimigo quando o hospedeiro entende que sua soberania está em risco (Derrida, 2003). Em situações como essas, expressões variadas de hostilidade se apresentam.

Hospitalidade como marcador simbólico e seus limiares

Por possuir essas características, a hospitalidade é um marcador simbólico e social que identifica pertencimentos e diferenças, promovendo um senso de identidade entre grupos e indivíduos. No entanto, discute-se a necessidade de ajuste social para evitar hostilidades em espaços que deveriam ser reconhecidos como hospitaleiros (Lashley; Lynch; Morrison, 2007). Um aspecto fundamental nessa discussão é o poder do anfitrião de permitir ou negar a entrada de convidados, um poder que define espaços físicos e psicológicos. Essa delimitação é simbolicamente significativa na marcação das fronteiras que distinguem anfitrião e outro, além dos limiares de intimidade.

A hospitalidade, como fenômeno sociocultural, revela-se um instrumento para a manutenção e reforço de distinções na sociedade, perpetuando a divisão entre privilegiados e desfavorecidos. Oferecer hospitalidade sinaliza não apenas um gesto de união social entre os membros de um grupo, mas também implica na exclusão dos “outros”: os estranhos, vulneráveis e indesejáveis, localizados às margens do acolhimento (Lashley; Lynch; Morrison, 2007).

Essa dinâmica, prevista na lente “inclusão e exclusão” proposta por Lashley, Lynch e Morrison (2007), é reforçada por experiências individuais e elementos que balizam as culturas de cada sociedade, determinando quem é aceito ou rejeitado. Essas regras manifestam-se de forma explícita, como em políticas governamentais e procedimentos em ambientes controlados, e implícita, através de códigos de vestimenta e políticas de preços. Tais práticas evidenciam a complexidade da hospitalidade que, longe de ser meramente hospitaleira, também reflete e reforça mecanismos de segregação e exclusão social.

Derrida (2002) sugere que a hospitalidade é a própria sociedade; quanto mais se aprofunda a compreensão sobre o tema, maior o benefício nas interações. As ideias de inclusão e exclusão, associadas a diferentes contextos e dimensões da hospitalidade, fomentam a análise de situações contemporâneas sem delimitação de fronteiras. Assim, segundo Lashley, Lynch e Morrison (2007), a hospitalidade pode ser encarada como uma transgressão que une e separa, incluindo e excluindo, demonstrando sua natureza paradoxal e multifacetada.

Hospitalidade e hostilidade

Assim, a hospitalidade pressupõe seu avesso, a hostilidade. Contudo, o termo nem sempre é usado dessa forma. A literatura mostra como a recepção, a rejeição ou o entendimento representam exclusão social. Segundo Benveniste (1975), a etimologia da hospitalidade deriva do termo “hostis”, que abrange simultaneamente hóspede e estranho/estrangeiro, podendo ter conotação favorável (hóspede) ou desfavorável (inimigo, hostil). A dicotomia entre hospitalidade e hostilidade, além de sua ligação semântica, traz um peso e uma dúvida constante sobre comportamentos e relacionamentos, resultando na criação do termo “hostipitalidade” por Derrida (2003).

Com base nas discussões de Derrida (2000) sobre “hostipitalidade”, entende-se que a hospitalidade carrega uma dualidade entre acolhimento e exclusão, não sendo uma prática puramente altruísta, mas estabelecendo uma assimetria entre anfitrião e hóspede, com controle sobre a recepção. Essa relação de poder, descrita por Derrida (2000) como aporética, revela a fragilidade da hospitalidade incondicional, pois o anfitrião permanece soberano, decidindo o acesso ou a exclusão do Outro.

Como observa Camargo (2015), nas sociedades contemporâneas, o cotidiano é marcado pela falta de hospitalidade, ou pela hostilidade. A hostilidade é facilmente identificável nos comportamentos urbanos, reflexo de contextos sociais, econômicos e discriminatórios em comunidades marginalizadas, geográfica ou socialmente. Segundo o autor (Camargo, 2021, p. 6), a hostilidade é o “resultado de ações agressivas que esgarçam as relações humanas”, identificáveis nas expressões das leis da hospitalidade, embora nem sempre cumpridas.

A hospitalidade torna-se um fenômeno esporádico, no qual a relação positiva é frequentemente substituída por hostilidade velada, especialmente em sociedades com fortes desigualdades socioeconômicas (Camargo, 2015). A hostilidade se manifesta não apenas em atos explícitos de rejeição, mas também em atitudes sutis que perpetuam a exclusão do outro, criando espaços onde a interação é restringida pela desconfiança e pelo medo do diferente (Derrida, 2000).

Hostilidade e hospitalidade para com pessoas da comunidade LGBTI+

A hostilidade, no contexto da hospitalidade voltada para a comunidade LGBTI+, refere-se a atitudes, comportamentos ou políticas que refletem falta de aceitação, respeito e inclusão em relação a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros ou de outras identidades de gênero e orientações sexuais não heteronormativas. Essa hostilidade se manifesta em ações discriminatórias e excludentes, criando um ambiente não acolhedor ou seguro para indivíduos LGBTI+ (Ribeiro; Barretto, 2013).

Nagamine e Natividade (2017) identificaram que, em várias localidades, pessoas homossexuais sofrem marginalização social, sendo tratadas como estranhas à comunidade política ou cidadã, muitas vezes excluídas pelo próprio Estado, desconfigurando suas identidades pessoais e de pertencimento.

A hostilidade ou intolerância geralmente está ligada à aceitação das características físicas e comportamentos social e culturalmente atribuídas a cada gênero. Assim, há uma associação entre o biológico e a cultura e a expectativa de que cada indivíduo desempenhe papéis sociais predeterminados (Beneduce, 2007). Isso se manifesta em intolerância, desagrado ou limitação, em contraste com o que Boswell (1980, p. 3) definiu como tolerância: “aceitação pública da diversidade e das idiossincrasias em matéria de aparência, estilo de vida, personalidade ou crenças”.

Os atritos na convivência ocorrem porque os indivíduos LGBTI+ são vistos como estranhos que invadem territórios da heteronormatividade. Nas palavras de Derrida (2003, p. 15), no contexto da hospitalidade, trata-se de um “visitante absolutamente estranho, como um recém-chegado, não identificável e imprevisível”.

Compreender e abordar essa hostilidade pode promover uma hospitalidade verdadeiramente inclusiva, por meio da qual todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, sintam-se bem-vindos, respeitados e aceitos. Assim, a análise e superação da hostilidade social na hospitalidade são fundamentais para promover equidade e diversidade na sociedade contemporânea (Silva, 2021).

2 Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e de caráter exploratório-descritivo (Gil, 2008). O conjunto do material analisado foi composto por documentos científicos em formatos de artigos, dissertações e teses, com acesso na íntegra ou parcial, nacionais e internacionais,

disponíveis em bases de dados diversas. Esse conjunto foi selecionado a partir do gap existente na literatura científica sobre as possíveis intersecções entre os temas aqui sendo mobilizados: comunidade LGBTQI+ e hospitalidade/hostilidade. Há inúmeros tipos de documentos científicos, que normalmente representam resultados de comunicação científica por meio de canais formais ou informais, como anais de eventos, periódicos científicos, capítulos de livros etc. (Mueller, 2006).

Elegeram-se os artigos de periódicos científicos por se tratar de documentos com maior disseminação na comunidade científica, sendo o meio mais provável de se comunicar resultados obtidos de projetos de pesquisa, além de estarem disponíveis e indexados em bases de dados internacionais, facilitando buscas sistemáticas (Rejowski; Aldrigui, 2007). Já as dissertações e teses foram tipos de documentos eleitos a partir da dificuldade de realizar buscas sistemáticas em artigos de periódicos em bases de dados nacionais.

Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória-descritiva em uma revisão sistemática fundamenta-se na organização detalhada das características de uma população ou fenômeno e na identificação de relações entre variáveis. Esse tipo de pesquisa utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados e observa essas informações. A revisão sistemática da literatura é um método rigoroso e estruturado que busca reunir, analisar e sintetizar amplamente as evidências sobre um tópico específico. Esse procedimento é conduzido com uma abordagem metodológica delineada, que inclui critérios precisos de inclusão e exclusão para selecionar estudos relevantes.

Etapas 1

Dada a complexidade dos termos associados à comunidade LGBTQI+, as palavras-chave foram selecionadas a partir da leitura do referencial teórico da pesquisa e suas variações em inglês, que são amplamente utilizadas em comunicações científicas. O termo “hospitalidade” foi utilizado em traduções literais de outras línguas, e “acolhimento” foi adotado como sinônimo, conforme indicado no Tesouro Brasileiro de Turismo (Rejowski, 2018). O termo de busca “hostil*” foi empregado como sinônimo de “hostilidade” para capturar variações das letras após o asterisco, resultando em palavras em diversas línguas, como *hostility*, *hostilidade*, *hostil* etc. Esse recurso é aplicado em outros comandos de busca, conforme mostrado no Quadro 1.

Quadro 1: Termos e sinônimos utilizados nos comandos de busca das bases de dados

Termos de busca	Sinônimos
Gay	Gays
LGBT	LGBT*, GLS, LGBT+, LGBTQ+, LGBTQI+, LGBTQIAP+, LGBTQIAPN+, LGBTQQICAAPF2K+
Lésbica	Lesbian, Lesbians, Lésbicas
Não-binário	Non-binary, Não-binários
Queer	Não se aplica
Transexual	Transexuais, Transsexual, Transsexuais
Transgênero	Transgender, Transgenders, Transgêneros
Hospitalidade	Acolhimento, Hospitality, Hospitalidad
Hostilidade	Hostil*

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Etapa 2

A coleta de dados foi iniciada em dezembro do ano de 2023 e finalizada em janeiro do ano de 2024.

Os critérios para a seleção dos bancos de dados se pautaram na facilidade de sistematização dos resultados obtidos e da relevância da base para o tipo de material que se desejava obter. Assim, para representar o contexto brasileiro e latino-americano, selecionou-se a plataforma Portal de Periódicos da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Para representar o contexto internacional, elegeu-se a base de dados Scopus (Elsevier) pela sua abrangência na indexação de periódicos em diversas áreas do conhecimento.

Em todas as bases de dados consultadas, a estratégia para a formação dos comandos de busca foi a utilização do recurso de busca avançada, mediante o uso de filtros com uso de termos booleanos como “AND” e “NOT”. Em alguns casos, as expressões são apresentadas dentro de aspas para indicar que o termo deve retornar resultados idênticos à palavra em questão, assim evitando interpretações e sinônimas comuns nos sistemas de busca. No Quadro 2 expõem-se os comandos de busca utilizados em cada base de dados.

Quadro 2: Comandos de busca utilizados nas bases de dados

Bases de dados	Comandos
Portal de periódicos Capes	(Qualquer campo contém: hospitalidade OR hostil*) E (Qualquer campo contém: Gay* OR LGBT* OR Queer OR Não-binário OR homossex* OR transgen* OR transsex*)
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)	(Todos os campos: LGBT* OR GLS OR Gay* OR Lesbi* OR Homossex* OR Transgenero* OR Transsex* OR Queer OR Não-binário*) E (Todos os campos: “Hospitalidade” OR “Hospitalidad” OR “Hostil*” OR “hostilidade” NOT hospitalar NOT “hospital”)
Scientific Electronic Library Online (SciELO)	(Gay* OR LGBT* OR Lesbi* OR Transsex* OR Transgen* OR Queer OR Não-binário) AND (hospitalidade OR hospitalidad OR acolhimento OR hostil*)
Scopus (Elsevier)	(TITLE-ABS-KEY (*hospitality) OR TITLE-ABS-KEY (hostility) AND TITLE-ABS-KEY (lgbt*) OR TITLE-ABS-KEY (gay*) OR TITLE-ABS-KEY (lesbian*) OR TITLE-ABS-KEY (homosex*) OR TITLE-ABS-KEY (transgende*) OR TITLE-ABS-KEY (transsex*) OR TITLE-ABS-KEY (non-binar*)) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE , “ar”)) AND (LIMIT-TO (LANGUAGE , “spanish”) OR LIMIT-TO (LANGUAGE , “english”) OR LIMIT-TO (LANGUAGE , “portuguese”))

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Após a elaboração e teste dos comandos de busca, a fim de representar o universo a ser pesquisado, estabeleceram-se também os critérios de inclusão em formato de filtros aplicados diretamente aos sistemas de busca das bases de dados, sendo eles: tipo de documento (artigo de periódico) no Portal de periódicos da Capes e na Scopus; língua (português) no Portal de periódicos da Capes e na SciELO; e língua inglesa na Scopus. No caso da BDTD, não se aplicou nenhum filtro.

Os resultados das buscas contabilizaram um total de 2.024 documentos distribuídos em Portal de periódicos da Capes (1.326), Scopus (657), BDTD (35) e SciELO (6). Após a aplicação de filtros de tipo de documento (artigos de periódicos) e idioma (português, inglês ou espanhol), esse universo resultou em uma amostra de 545 documentos.

Etapa 3

Com a amostra estabelecida, procedemos às análises dos dados. Cada base de dados foi carregada em um *software* (Parsifal), e em seguida realizou-

se uma triagem e validação dos dados para corrigir inconsistências ou erros na exportação dos metadados. Foram ajustados resumos e nomes de autores e inseridas palavras-chave em alguns registros.

○ *Parsifal* auxiliou na triagem com critérios de inclusão e exclusão e um *checklist* de avaliação de qualidade, facilitando a análise de aderência dos documentos à pesquisa e a identificação de duplicatas.

○ principal critério de inclusão foi a presença de termos relacionados à entrada “Hospitalidade no turismo” no Tesauro Brasileiro de Turismo (Rejowski, 2018). Os critérios de exclusão definidos foram: a) ausência de termos relacionados à entrada mencionada ou suas variações em inglês; b) estudos sem relação com a comunidade LGBTI+; c) resumo indisponível; d) resenhas ou artigos de revisão.

Etapa 4

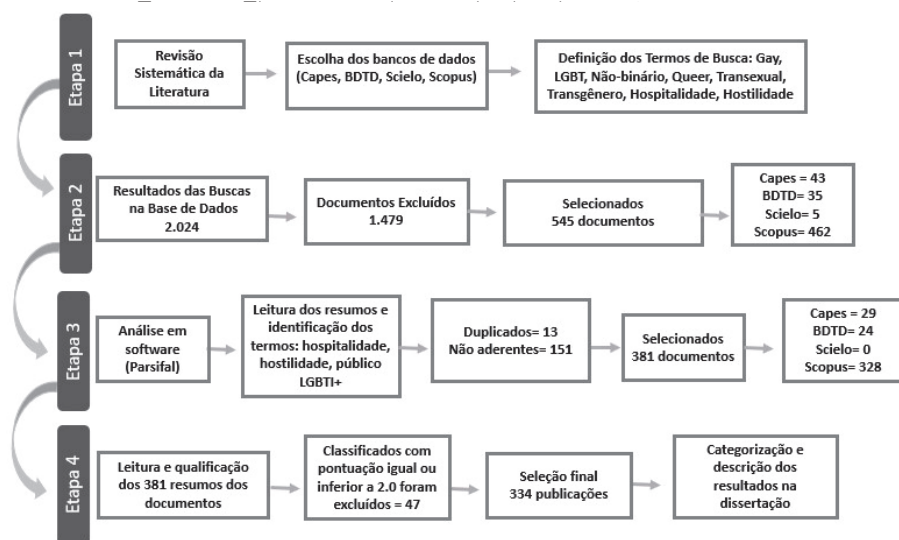
Após excluir os documentos não alinhados aos critérios, prosseguiu-se para o *checklist* de avaliação de qualidade com 381 documentos. Perguntas foram formuladas para avaliar a aderência do documento à proposta da pesquisa, e uma nota de corte foi estabelecida para cada uma (1.0 – um ponto).

1. Este documento cita as palavras “hospitalidade” ou “hostilidade/hostil” em seu resumo, título ou palavras-chave?
2. Este documento cita palavras associadas à hospitalidade ou à hostilidade/hostil (com base na entrada do Tesauro Brasileiro de Turismo “Hospitalidade no turismo”) em seu resumo, título ou palavras-chave?
3. Quando as palavras “hospitalidade”, “hostilidade/hostil” ou suas palavras associadas são citadas, estão sendo aplicadas conforme a noção proposta pelo campo de conhecimento da Hospitalidade no Brasil?

Esse processo de avaliação da qualidade serviu para garantir uma leitura mais atenta dos dados dos documentos. Estabeleceu-se uma nota de corte (2.0), que gerou a exclusão de outros 47 documentos. A partir desse ponto, 334 documentos compuseram o corpus desta pesquisa. Desses documentos, 43 estavam indexados na base de dados da Capes, 35 na BDTD, 5 no SciELO,

e 251 na Scopus. Observa-se que a maior parte dos documentos provém de uma base que agrega trabalhos estrangeiros, o que justifica a predominância de publicações em inglês ou espanhol, que foram as línguas definidas para análise.

A RSL foi realizada mediante a leitura criteriosa de todos os resumos dos documentos selecionados. Cada uma das quatro etapas que a constituem está demonstrada na Figura 1.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Na sequência, mobilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 2016) a fim de sistematizar os aspectos de forma e conteúdo do corpus. O tratamento de dados da revisão sistemática envolveu a aplicação de filtros baseados em regras para organizar a análise, agregando frequência, intensidade, associação, entre outros fatores.

Primeiramente, foram analisadas as Unidades de Registro (URs) relacionadas à forma dos documentos, contabilizando-se: a) ano; b) tipo (artigo, dissertação ou tese); c) língua; d) base de dados. Os resultados foram apresentados em gráficos e tabelas.

Posteriormente, voltou-se a análise para o conteúdo do corpus. As categorias “Hospitalidade” e “Hostilidade” foram estabelecidas *a priori*, e suas subcategorias e temáticas foram construídas com o auxílio de uma busca lexical. Isso permitiu identificar o uso de termos da entrada “Hospitalidade no turismo” do Tesauro Brasileiro de Turismo (Rejowski, 2018) nos resumos e contabilizar as suas frequências. Com auxílio do MaxQDA, foram analisadas

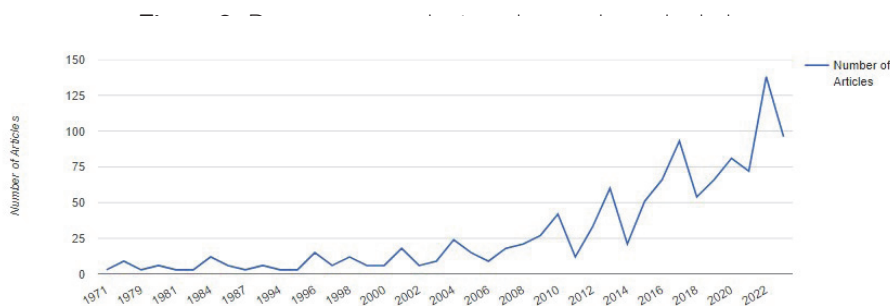
as Unidades de Contexto (UCs) das URs para propor temáticas. A partir disso, subcategorias foram criadas a posteriori para embasar as explicações sobre as categorias.

Os resultados e discussões foram divididos em duas partes, sendo a primeira dedicada à apresentação da forma e uma segunda focada no conteúdo do corpus.

3 Resultados e discussões

Sobre a forma

Os resultados apresentados na plataforma *Parsifal* indicam a tendência de aumento de publicações com o tema associado à pesquisa nas últimas décadas, como se pode visualizar no gráfico da Figura 2.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024) – adaptado do Parsifal.

Em relação à língua em que o estudo foi publicado, a maioria estava em inglês, sendo 293 no total, outros 3 em espanhol e 38 em português. A representação da língua inglesa no corpus se justifica por conta de a maioria dos estudos selecionados serem provenientes de uma base de dados estrangeira. A partir desses dados, percebe-se que a produção brasileira e em língua espanhola possuem menor proporção em comparação com a internacional, o que é esperado devido à extensão da indexação da base Scopus.

Essa pode ser uma oportunidade para novos estudos serem produzidos em conjunturas diferentes daquelas costumeiramente publicadas em periódicos internacionais, que acabam publicando pesquisas eurocentradas ou centradas no norte global.

No corpus, 36 documentos incluíam o termo “hospitalidade” em seu resumo, mas a grande maioria abordava questões relacionadas à hostilidade, com a utilização de termos combinados como: ambiente hostil, comentários ou comportamentos hostis, postura e olhar hostil, estereótipos hostis, tensões e exclusão social.

Ademais, foram encontradas outras expressões associadas à hospitalidade, como sociabilização, pertencimento, espaços de sociabilidade, espaços de convivência plural, afetividade, representações sociais, ético-morais e religiosas e visibilidade da vida homossexual.

Em 11 documentos, tanto hospitalidade como hostilidade apareceram de forma conjunta. Esse resultado, mesmo que menos representativo, coaduna com a concepção de que a hospitalidade e a hostilidade compartilham raízes (Derrida, 2003; Benveniste, 1975) ou até mesmo a hospitalidade sendo um fenômeno de supressão da hostilidade (Camargo, 2021).

A partir desses resultados, foi possível observar preliminarmente que os achados da literatura examinada associam e registram com maior frequência a hostilidade para com membros da comunidade LGBTI+ do que manifestações hospitaleiras. Foi possível identificar algumas formas e contextos de hostilidade que são direcionadas à comunidade, e que não se concentram apenas em atitudes (comentários, comportamentos, olhar), sendo essas manifestações as mais vivenciadas, mas também o próprio ambiente físico, abrindo margem para incursões nas discussões sobre hospitalidade nos domínios urbano e comercial (Lashley; Lynch; Morrison, 2007; Severini, 2013), por exemplo.

Paralelamente, os resultados de termos associados à hospitalidade, apesar de menor frequência, demonstram novas formas de compreensão sobre esse fenômeno no recorte em estudo. De forma preliminar, pode-se inferir que a hospitalidade está intimamente ligada à sensação de pertencimento, seja à comunidade ou à sociedade; à sociabilização e à convivência nos diversos espaços e contextos; possibilidade de demonstração de afetividade; a representações e à visibilidade sociais, o que poderá incluir discussões sobre cidadania e política.

Foi preciso realizar uma decupagem de todos os termos citados nos títulos e resumos como forma de identificar qual o público-alvo das pesquisas selecionadas. Somente em formato de sigla, foram citadas 115 vezes em diversas variações (GBQ, GLBQ, GLBT, LGB, LGBQ, LGBQ+, LGBT, LGBT+, LGBTI, LGBTI+, LGBTIQ, LGBTIQ+, LGBTQ, LGBTQ+, LGBTQI, LGBTQI+, LGBTQIA+, LGBT2Q+, LGBTQAI+, LGBTQIA2+, LGBTQIAPN+, LGBTQs, LGBTs, LGTBI, LGTBQ, 2SLGBTQ+, LGB e TGD). Também foi citada por extenso ampla variedade de denominações

utilizadas em referência ao objeto de estudo, desde homossexual, que é uma referência genérica as pessoas fora do padrão da heteronormatividade, até referências bem especificadas quanto a cada identidade investigada.

Assim, a partir da leitura de cada documento, foram sendo destacados os objetos de estudo, com cada referência sendo separada e acrescida em forma de menções a cada termo ou letra representativa. Foi montada uma planilha, conforme se apresenta no Quadro 5, para detalhar e agrupar por tipo de público.

Quadro 5: Menções representativas ao público objeto de estudo

Público	n.
G - Gay	207
L - Lésbica	181
T - Transgênero	159
B - Bissexual	156
Q - Queer	86
Mais (outras identidades de gênero)	27
I - Intersexo	23
A - Assexual:	8
N: Não-Binário	4
P - Pansexual	3
2S: Dois Espíritos	3
Homossexual	49
Agênero	1
Amantes do mesmo sexo	1
Cibersexo	1
Pessoas da diversidade afetivo-sexual	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

O levantamento demonstrou que gay foi o termo mais mencionado (207). Embora em geral seja utilizado para homens que se relacionam ou são atraídos a outros homens, também são utilizados em algumas situações como um termo genérico, assim como homossexual, que teve 49 menções. Muitos dos documentos citavam Gays e Lésbicas, que foi o segundo termo/ sigla mais encontrado (181). Bissexual (156) e Transgênero (159) tiveram menções em números bem próximos.

As identidades mais conhecidas e representativas nas siglas são as mais estudadas na academia com foco nessa comunidade, como demonstram as menções, mas percebe-se que outras variações também são citadas: Queer (86), Intersexo (23), Assexual (8), Pansexual (3), Não-Binário (4), Dois Espíritos (3), entre outras identidades de gênero (27), Agênero (1), Amantes do mesmo sexo (1), Cibersexo (1) e Pessoas da diversidade afetivo-sexual (1).

Análise de conteúdo do corpus

Foram realizadas as leituras de todos os resumos a fim identificar elementos das categorias principais: Hospitalidade e Hostilidade, considerando que as duas compartilham raízes comuns em seus fenômenos (Benveniste, 1975; Camargo, 2015). Ainda foram classificadas subcategorias e temáticas que identificassem em que contexto os estudos demonstravam fatores de hospitalidade e/ou hostilidade ao público investigado que está inserido em escopos da sigla LGBTI+.

Dos 381 documentos selecionados, por diversas vezes as URs “hospitalidade” e “hostil” (sendo uma flexão referente à hostilidade) são citadas apenas no título, nas palavras-chaves ou não estavam inseridos no contexto aplicado a esta pesquisa. Foram encontrados 44 registros nos resumos associados à hospitalidade e 284 à hostilidade.

Após leitura flutuante das Unidades de Contextos (UCs) em que essas URs estavam inseridas, foi possível propor subcategorias que compuseram as categorias principais.

Assim, foram identificadas para a categoria Hospitalidade cinco subcategorias: Tipos, Contextos, Atitudes, comportamentos e formas, Aspectos humanos e sociais, e, por fim, Componentes da hospitalidade, sendo esta última composta pelos termos que já constam na entrada “Hospitalidade no turismo” do Tesauro Brasileiro de Turismo (Rejowski, 2018), no item Virtudes (alteridade, solidariedade, acolhimento, ética, tolerância, afetividade, sociabilidade).

Já na categoria Hostilidade foram identificadas quatro subcategorias com títulos idênticos à categoria Hospitalidade, porém compostas por temática distintas: Tipos, Contextos, Atitudes, comportamentos e formas e Componentes da hostilidade.

As conexões estabelecidas a partir da seleção realizada no software MaxQDA são demonstradas na Figura 3. A figura que representa um mapa mental que indica que as abordagens de hospitalidade e hostilidade são

amplas e distintas, mas, em alguns casos, estão interligadas por subcategorias e temáticas de abordagem social, em contextos do exercício da cidadania, com influências principalmente de ordem cultural, moral, religiosa, mas com influência dos ambientes e lugares. As linhas dessa figura variam de espessura conforme a frequência detectada para a relação entre as categorias, subcategorias e temáticas.

Dessa forma, a fim de avaliar as manifestações nas duas categorias, foram estabelecidas as subcategorias que serão avaliadas em contraponto entre a hospitalidade e hostilidade em relação às discussões estabelecidas pelos artigos que pesquisam a comunidades LGBTI+. No entanto, as temáticas apresentam peculiaridades e diferenças.

○ pareamento das subcategorias e temas demonstra que, em muitos casos, as abordagens são tratadas dentro do mesmo escopo e utilizando os mesmos termos, mas, em sentidos positivos, negativos ou orientativos diferentes, com ampla decomposição temática e que fomenta análises variadas, o que reforça o caráter dual apresentado na teoria sobre hospitalidade-hostilidade.

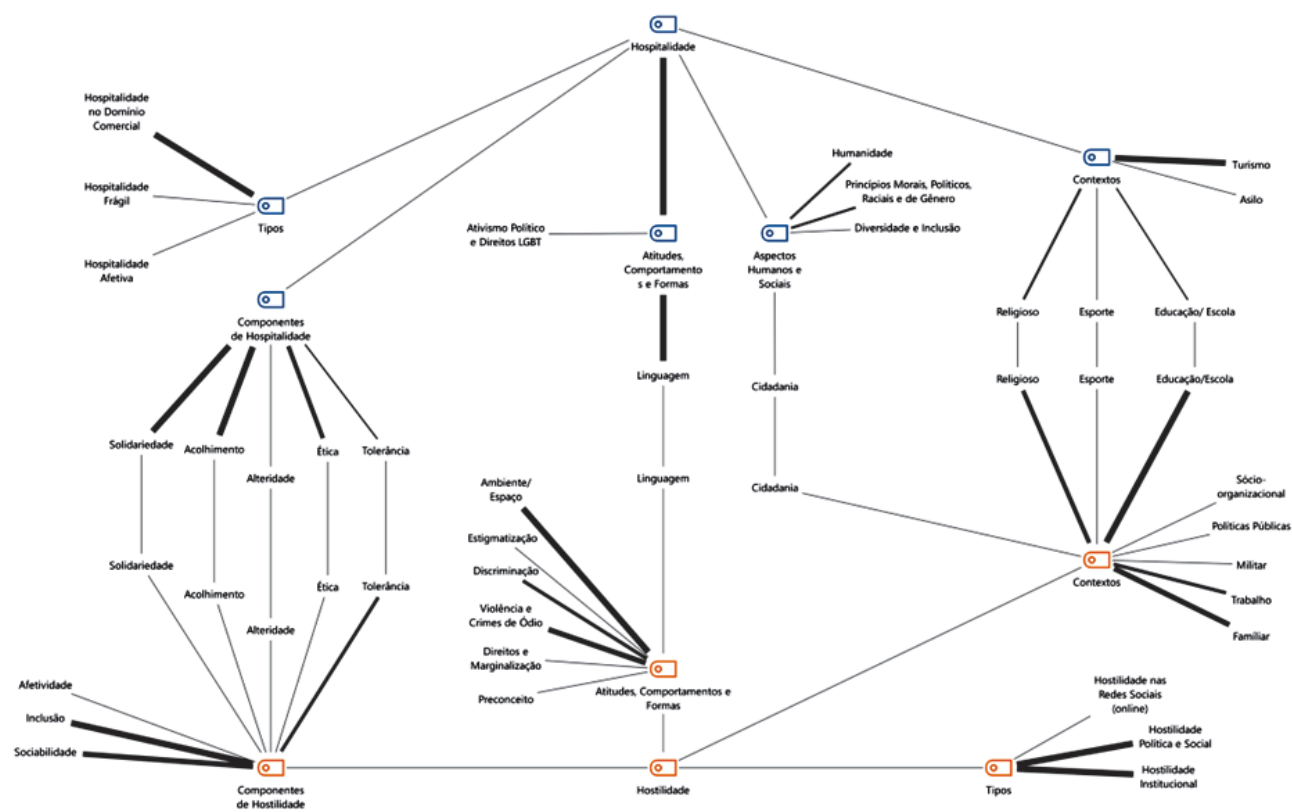
Ao longo deste tópico são mobilizadas aquelas citações mais relevantes que fundamentaram a construção das temáticas. Dessa forma, é mister destacar a impossibilidade de citar outras referências consultadas no corpus devido à limitação no número de palavras para a construção deste manuscrito.

As subcategorias “Tipos”, encontrada em ambas as categorias, foram definidas a partir de temáticas que representam diferentes formas de interação e prestação de serviço que se adaptam (ou não) às diversas situações em que ocorrem relacionamentos entre pessoas da comunidade LGBTI+ e a sociedade.

No lado da hospitalidade, esses tipos incluem, por exemplo: a hospitalidade afetiva, que enfatiza o cuidado pessoal; a hospitalidade frágil, que lida com situações delicadas e de alta sensibilidade (sendo essas três primeiras assim denominadas nos resumos e aqui reproduzidas); e a hospitalidade no domínio comercial, voltada para a eficiência e o profissionalismo no atendimento em diversos contextos profissionais.

○ contraponto se dá nos Tipos de hostilidade, que são relacionados às redes sociais online, ao âmbito Político e social e Institucional, sendo os dois últimos os mais abordados nos estudos (com 23 e 24 frequências). Em geral são reconhecidos em ambientes de trabalho, de educação ou que envolvem a relação da comunidade com o Estado, além de discussões sobre ambientes religiosos, ao uso de banheiros, de proteção policial ou atendimento em saúde.

Figura 3: Mapa de categorização elaborado no MaxQDA



Fonte: elaborado com auxílio do software MaxQDA (2024).

Deumert e Mabandla (2020) analisam a hospitalidade afetivo-discursiva em Forestville, enfatizando que a vida social local reflete a “hospitalidade absoluta” de Derrida (2003), caracterizada por um acolhimento profundo e inclusivo, mas aqui marcada pela curiosidade e pelo ato de questionar, mais voltada para o diálogo do que para a recepção incondicional.

A hospitalidade também foi caracterizada como frágil, constantemente ameaçada por falhas nas interações humanas, em que a inclusão e o respeito nem sempre se concretizam. Essa fragilidade é um risco presente na tentativa de oferecer acolhimento genuíno, uma característica que se acentua quando se trata da hospitalidade comercial, especialmente em serviços voltados para a comunidade LGBTI+, como em estruturas de hospedagem no turismo, sobre os quais Lashley (2004) e Berezan, Raab, Krishen e Love (2015) destacam a necessidade de ir além de um simples serviço de hospedagem, ampliando o compromisso com a inclusão e o respeito à diversidade.

Entretanto, há um contraponto claro na hostilidade, identificada em diferentes esferas: hostilidade online e institucional. O trabalho de Concannon (2008) destaca a hostilidade institucional contra a comunidade LGBTI+ como reflexo das políticas estatais que a categorizam como problemática e inferior, uma dinâmica que se repete em contextos como Uganda e Quênia, onde a homofobia é politicamente reforçada (Garrido, 2016). Essa hostilidade também é evidente nas redes sociais, como mostram Rosenbusch, Evans e Zelemborg (2020), que correlacionam atitudes regionais preconceituosas com agressões verbais online, e Moreira, Censon e Campos (2022), ao relatarem como, no Brasil, sob o “bolsonarismo”, houve desrespeito cultural e institucional direcionado à comunidade LGBTI+, incluindo a interrupção de recursos para projetos sociais voltados a essa população.

Já a subcategoria “Contextos” se refere ao ambiente e às circunstâncias específicas em que a hospitalidade ou a hostilidade ocorrem, influenciando a natureza do amparo, dos serviços oferecidos ou das hostilidades proferidas e executadas. Identificou-se o termo hospitalidade relacionado ao turismo e ao asilo (de pessoas LGBTI+ idosas). Por sua vez, a hostilidade esteve presente em contextos como o familiar, o trabalho, o militar, as políticas públicas e sócio-organizacional. Ambas as categorias compartilham os contextos Esporte, Religião e Educação/Escola.

Ro, Olson e Choi (2017) destacam que os profissionais de marketing turístico precisam reconhecer a diversidade interna do mercado gay, muitas vezes tratado de forma homogênea. Para uma atuação eficaz, é crucial entender os diferentes perfis psicográficos da comunidade LGBTI+ e desenvolver produtos e serviços que atendam a essas especificidades, uma

vez que esse público se mostra uma importante fonte de renda com demanda crescente por serviços especializados e de lazer (Guerra, Wiessiniek; Brasileiro, 2018).

Scheitle e Wolf (2017) argumentam que a religião pode ser fonte de hostilidade para as minorias sexuais, embora, em alguns contextos, como no Candomblé, haja maior inclusão e tolerância (Santos, 2009). Em contraste, Sánchez e Piedra (2019) observam a hostilidade persistente em práticas e espaços esportivos, mesmo após iniciativas inclusivas como os Jogos Olímpicos de Londres 2012, que promoveram hospitalidade para a comunidade LGBTI+ (Hubbard; Wilkinson, 2014).

Na educação, McRay e Ruff (2021) enfatizam os desafios enfrentados por estudantes LGBTI+ em instituições cristãs de ensino superior, ressaltando a marginalização sistêmica e a necessidade de políticas mais inclusivas (Airton, 2023). A hostilidade também se estende a outros contextos, como o militar, em que a presença de minorias sexuais é vista como uma ameaça (Hampf, 2004), e o ambiente de trabalho, que ainda registra discriminação e incivilidade, afetando a saúde mental dessas pessoas (Singh; Watford; Cotterman; O'brien, 2020). Além disso, o silêncio e a transfobia em estruturas sociais, como família e Estado, geram ambientes hostis para pessoas trans, perpetuando a exclusão e marginalização (Medeiros, 2022).

“Atitudes, comportamentos e formas” constituem uma subcategoria ao englobar temáticas que se centram nas disposições mentais e emocionais, como empatia e abertura ao diferente, nas ações que as expressam, como práticas inclusivas ou excludentes, nas expressões estruturadas dessas, muitas vezes institucionalizadas em políticas sociais.

No uso da linguagem, a correção de pronomes e termos inclusivos reflete o compromisso com a hospitalidade, assim como a participação em movimentos de direitos LGBTI+ (Greatrick, 2019), que evidenciam a importância do ativismo político para garantir igualdade e visibilidade à comunidade. A linguagem, além de expressar hospitalidade, também pode revelar hostilidade, com discursos que fomentam preconceito, marginalização e crimes de ódio, como transfobia e homofobia (Meyer, 2015; Hernandez; Seif; Lu, 2022).

A hostilidade pode se manifestar tanto em espaços públicos quanto no ambiente de trabalho, afetando o bem-estar de pessoas LGBTI+ (Holman; Fish; Oswald; Goldberg, 2019). Ambientes e espaços de hospitalidade e hostilidade são separados por linhas tênues, e a presença ou ausência de apoio nesses locais pode influenciar diretamente a qualidade de vida e inclusão dessas pessoas. Essas manifestações de hostilidade afetam profundamente o bem-estar físico e mental da comunidade, sendo relatados casos de

estigmatização e violência contra homens que fazem sexo com homens (Latypov; Rhodes; Reynolds, 2013) e mulheres lésbicas (Braga; Ribeiro; Caetano, 2022; Molinier; Welzer-Lang, 2009).

Mesmo em sociedades com avanços legais, como na Espanha, mulheres lésbicas e bissexuais continuam a enfrentar invisibilidade e falta de reconhecimento (Moreira, 2020). Silva (2021) ressalta que a retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11) em 2018³ foi um avanço, mas a marginalização desses corpos ainda persiste. A exclusão social e a discriminação enfrentadas por transexuais revelam a continuidade da luta por direitos, evidenciando que o ativismo político continua sendo essencial na defesa da cidadania plena da comunidade LGBTI+, permeando atitudes, comportamentos e formas que se confrontam na busca por igualdade e inclusão, embora os discursos de hostilidade ainda prevaleçam na discussão científica.

A subcategoria “Aspectos Humanos e Sociais”, relacionada estritamente à hospitalidade, enfatiza as interações e relações interpessoais, destacando valores e princípios essenciais para uma convivência justa e harmoniosa, que incluem cidadania e atuação política dos membros da comunidade.

A cidadania, base dos aspectos humanos e sociais, é especialmente relevante no que tange aos direitos LGBTI+ e ao ativismo político, conforme discutido por Hubbard e Wilkinson (2014), que observam que a cidadania sexual muitas vezes não se alinha aos modelos pré-concebidos de tolerância e igualdade, revelando a necessidade de desconstruir categorias fixas de gênero que historicamente excluem identidades diversas (Santos, 2014).

A aceitação, muitas vezes, se traduz em respeitar a diversidade e incluir todos os indivíduos de maneira igualitária, sem distinções de gênero, como exemplificado por Airton (2023) na orientação sobre como acolher estudantes transgêneros. Além disso, a pesquisa de Amorim (2018) sobre transfobia nas escolas revela as dificuldades enfrentadas por essas pessoas, que lidam com invisibilidade e negação de direitos, refletindo a reprodução de estigmas e preconceitos em ambientes que deveriam ser acolhedores.

Os componentes de hospitalidade — solidariedade, acolhimento, ética, tolerância e alteridade — desempenham um papel vital na criação de um

3 Na nova classificação, que entrou em vigor oficialmente em 1º de janeiro de 2022, a transexualidade foi realocada no código 17 “condições relacionadas à saúde sexual”. A condição passou a ser denominada “incongruência de gênero”, definida como uma incongruência marcante e persistente entre o gênero vivenciado pelo indivíduo e o sexo que lhe foi atribuído. Conferir em <https://icd.who.int/browse/2025-01/mms/en#411470068>. Acesso em: 17 ago. 2025.

ambiente que respeite e celebre a diversidade. No entanto, muitas situações envolvem comportamentos e atitudes hostis, como a revisão da base acadêmica sobre esses termos apontou, gerando experiências que podem ser classificadas como componentes de hostilidade que se apresentam nas discussões de cada um dos itens encontrados a seguir.

Já os Componentes de hostilidade foram caracterizados como elementos ou comportamentos que expressam ou fomentam agressividade e aversão em interações humanas. Esses componentes podem se manifestar por meio de atitudes intolerantes, falta de solidariedade, frieza afetiva, ações antiéticas, isolamento social, rejeição, exclusão e negação da alteridade. Tais comportamentos comprometem a convivência harmoniosa e minam os aspectos positivos das relações humanas e sociais, contribuindo para um ambiente de conflito e desconfiança.

Observou-se que cinco conceitos são encontrados tanto na categoria de hospitalidade como de hostilidade: Solidariedade, Acolhimento, Ética, Tolerância e Alteridade. Outros três termos (sociabilidade, inclusão e afetividade), apesar de serem diretamente ligados à hospitalidade, foram identificados em UCs como elementos de contraposição à hospitalidade, mas apresentam o sentido que remete à falta, uma lacuna (mesmo que não seja claramente hostil). Isso foge dos preceitos da expectativa dos itens de hospitalidade ou remetem à invisibilidade, que é um destaque na discussão sobre a população LGBTI+.

A solidariedade, por exemplo, é entendida como um suporte essencial para a inclusão da comunidade LGBTI+, manifestando-se na criação de redes de apoio e segurança para o enfrentamento de preconceitos (Binnie; Klesse, 2011). Em contrapartida, a falta de solidariedade se traduz em uma forma de hostilidade marcada pelo isolamento e pela negligência, deixando indivíduos e grupos vulneráveis à discriminação institucional e social (Binnie; Klesse, 2011).

De forma semelhante, o acolhimento é um componente elementar da hospitalidade, envolvendo a recepção calorosa e o cuidado com indivíduos que se sentem marginalizados, como as pessoas transgênero, para as quais a criação de um ambiente inclusivo é crucial, como destaca Melo (2022). Contudo, Melo (2022) ressalta que as próprias pessoas transgênero relatam sentir-se pouco acolhidas dentro da comunidade LGBTI+.

Essa tensão é igualmente visível na ética. Embora a ética exija práticas que respeitem a dignidade de indivíduos LGBTI+ (Airton, 2023), uma hostilidade sutil emerge de uma interpretação equivocada do princípio de igualdade. Conforme apontado por Ussher, Power, Perz e Hawkey, (2022),

alguns profissionais, ao se basearem numa suposta “ética igualitária”, tratam todos os pacientes da mesma forma e ignoram deliberadamente informações sobre orientação sexual e identidade de gênero (SOGI). Essa abordagem, que confunde igualdade com equidade, resulta no apagamento das necessidades específicas da população LGBTI+ e na perpetuação de um cuidado inadequado, caracterizando uma barreira institucional.

Até mesmo a tolerância, frequentemente vista como uma virtude (Boff, 2006; Kant, 2020), opera nessa dualidade. Se por um lado ela pode ser um estágio inicial de convivência, por outro, é apontada como o oposto da hospitalidade genuína, que exige acolhimento incondicional (Derrida, 2003; Camargo, 2021). A “mera tolerância” pode mascarar uma hostilidade sutil, mantendo relações de poder desiguais onde um grupo apenas “suporta” o Outro, sem celebrá-lo ou reconhecê-lo plenamente.

O pilar para superar essa limitação é a alteridade, o reconhecimento da diferença como valor essencial (Medeiros, 2022). Se a sua prática promove inclusão, sua negação é uma das formas mais diretas de hostilidade: a invalidação de identidades, a imposição de normas e a recusa em reconhecer a existência do Outro são atos que minam a segurança e a dignidade.

Esses princípios se materializam em conceitos práticos, como a sociabilidade, a inclusão e a afetividade, que formam o tecido social da hospitalidade. Eles refletem a necessidade de espaços seguros nos quais as identidades LGBTI+ possam ser vivenciadas com bem-estar e aceitação (Costa, 2010; Mazzariello, 2017). Quando esse tecido social falha, as consequências são sentidas diretamente no plano emocional.

É nesse contexto que surge o que a literatura denomina “afeto negativo”, um conceito que descreve o impacto psicológico da discriminação. Trata-se do conjunto de emoções desgastantes — como ansiedade crônica, medo, tristeza e raiva — que indivíduos experimentam ao enfrentar preconceito e exclusão (Bernat; Calhoun; Adams; Zeichner, 2001; Gençöz; Yüksel, 2006). Esse sofrimento emocional não é um evento isolado; ele alimenta e perpetua o ciclo de hostilidade, pois a falta de acolhimento e inclusão gera uma constante sensação de insegurança e rejeição (Melo, 2022).

Historicamente, essa dinâmica de criar espaços de sociabilidade como resposta à hostilidade é evidente. Costa (2010) destaca como grupos LGBTI+, para sobreviver à hostilidade da sociedade, promoviam encontros em domicílios. Essas ações, embora moldadas pela invisibilidade, foram estratégias de sobrevivência que garantiram não apenas o bem-estar, mas também pavimentaram o caminho para a conquista de direitos civis e sociais fundamentais.

Conclusões

Neste estudo, foram analisadas as manifestações de hospitalidade e hostilidade em relação à comunidade LGBTI+ a partir de uma revisão sistemática da literatura e análise de dados empíricos. A pesquisa demonstrou como a hospitalidade pode ser uma ferramenta de inclusão e acolhimento para essa comunidade, ao mesmo tempo em que identifica e discute os principais desafios enfrentados devido à hostilidade prevalente em diversos contextos sociais.

A hospitalidade se apresentou como uma lente social possível para analisar os contextos de acolhimento ou hostilização da comunidade LGBTI+. Essa ideia se suporta nos resultados encontrados a partir das buscas em bases de dados nacionais e internacionais. O corpus constituído por 334 documentos demonstra a maior incidência de produção no âmbito internacional em detrimento do nacional, bem como a preferência por estudos voltados a sujeitos com maior visibilidade nas sociedades, apresentando sempre tendência mais acentuada aos contextos da hostilidade. Isso justifica a necessidade de detecção dos componentes de hostilidade e discussões sobre os elementos de hospitalidade como métrica para o combate à discriminação e maior inclusão dessa comunidade na sociedade.

Os resultados mostraram que a hospitalidade, entendida como um ato de acolhimento genuíno e inclusão, ainda enfrenta desafios para se tornar uma realidade plena para a comunidade LGBTI+. A hospitalidade afetivo-discursiva, por exemplo, destacada por Deumert e Mabandla (2020), revela-se essencial para promover um ambiente de diálogo e entendimento mútuo, embora seja frequentemente ameaçada pelas fragilidades inerentes às interações humanas.

Em contrapartida, a hostilidade se manifesta de diversas formas, desde a discriminação velada até atos explícitos de violência e exclusão. Pesquisas indicam que a comunidade LGBTI+ enfrenta altos níveis de violência e preconceito, afetando negativamente a saúde física e mental dos integrantes desse grupo, bem como suas oportunidades econômicas e direitos civis. Assim, esta revisão da literatura identificou que a hostilidade é particularmente prevalente em ambientes de trabalho, escolas e dentro de comunidades religiosas.

A análise sobre as manifestações de hospitalidade e hostilidade em relação à comunidade LGBTI+ revela uma complexidade significativa, que vai além da simples dicotomia entre inclusão e exclusão. Embora a hospitalidade seja discutida como um ideal desejável, os dados mostram que essa prática

muitas vezes é condicionada por normas culturais e morais que perpetuam desigualdades, reforçando a ideia de que a verdadeira hospitalidade requer uma desconstrução dessas barreiras estruturais.

Portanto, reafirma-se que a hospitalidade é um conceito que deve ser promovido em todas as esferas da sociedade. A adoção de atitudes mais inclusivas e a conscientização sobre a importância da afetividade e do acolhimento são passos cruciais para combater a hostilidade e promover a verdadeira igualdade. A superação dos sentimentos de vergonha, culpa e medo, que muitas vezes dificultam a plena expressão da afetividade entre membros da comunidade LGBTI+, é essencial para criar ambientes mais hospitaleiros.

A relevância deste estudo se estende além do âmbito acadêmico, pois seus achados têm implicações práticas para a formulação de políticas públicas e iniciativas sociais. Ao compreender as dinâmicas de hospitalidade e hostilidade, é possível desenvolver estratégias eficazes para a promoção da inclusão e o combate à discriminação. Este estudo também contribui para o avanço do conhecimento sobre a hospitalidade e a hostilidade e serve como um chamado à ação para todos os setores da sociedade se engajarem na promoção de um ambiente mais acolhedor e inclusivo para todos.

Como limitações e recomendações para futuras pesquisas, aponta-se a possibilidade de análise na íntegra do corpus e a realização do levantamento das frequências das referências utilizadas no intuito de identificar os estudos seminais ou as referências de hospitalidade e/ou hostilidade que são mobilizadas nesses documentos.

Referências

AIRTON, L. You don't know me: Welcoming gender diversity in schools via an ethic of hospitality. **Curriculum Inquiry**, v. 53, n. 92, p. 1-21, abril 2023.

AMORIM, S. M. G. **Escola e transfobia: vivências de pessoas transexuais**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BENEDUCE, C. G. **Hospitalidade substantivo feminino?** 2007. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2007.

BENVENISTE, E. **O vocabulário das instituições indo-europeias**. Campinas: Unicamp, 1975.

BEREZAN, O.; RAAB, C.; KRISHEN, A. S.; LOVE, C. Loyalty runs deeper than thread count: An exploratory study of gay guest preferences and hotelier perceptions. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 32, n. 8, p. 1034-1050, 2015.

BERNAT, J.; CALHOUN, K. S.; ADAMS, H. E.; ZEICHNER, A. Homophobia and Physical Aggression Toward Homosexual and Heterosexual Individuals. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 110, n. 1, p. 179-187, 2001.

BINNIE, J.; KLESSE, C. 'Because It Was a Bit Like Going to an Adventure Park': The Politics of Hospitality in Transnational Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender and Queer Activist Networks. **Tourist Studies**, v. 11, n. 2, p. 157-174, ago. 2011.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível. Vol. II: Convivência, respeito e tolerância.** Porto Alegre: Editora Vozes, 2006.

BOSWELL, J. **Christianity, social tolerance, and homosexuality.** Chicago: University of Chicago Press, 1980.

BRAGA, K. D. S.; RIBEIRO, A. I. M.; CAETANO, M. R. V. Lesbofobia familiar: técnicas para produzir e regular feminilidades heterocentradas. **Pro-Posições**, v. 33, 2022.

CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 12, n. especial, p. 42-69, maio 2015.

CAMARGO, L. O. L. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 2, p. 2112, 2021.

CONCANNON, L. Citizenship, sexual identity and social exclusion: Exploring issues in British and American social policy. **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 28, p. 326-339, 2008.

COSTA, R. S. M. **Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob.** 2010. Dissertação (Mestrado em História, Políticas e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, 2010.

DERRIDA, J. **Acts of Religion.** Nova Iorque: Psychology Press, 2002.

DERRIDA, J. **Da hospitalidade: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade.** São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, J. Hospitality. **Angelaki: Journal of Theoretical Humanities**, v. 5, n. 3, p. 3-18, 2000.

FUNDO BRASIL. **A LGBTfobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização.** Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtfobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/#:~:text=Cerca%20>

de%2020%20milh%C3%B5es%20de,Travestis%20e%20Transexuais%20(-ABGLT). Acesso em: 20 out. 2024.

GARRIDO, R. Ativismo LGBT num Campo Político Hostil—Uma leitura dos movimentos ativistas no Uganda. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 31, p. 95-114, 2016.

GENÇÖZ, T.; YÜKSEL, M. Psychometric properties of the Turkish version of the internalized homophobia scale. **Archives of Sexual Behavior**, v. 35, p. 597-602, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRASSI, M. C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. (org.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Senac, 2011. p. 45-53.

GREATRICK, A. “Coaching” Queer: Hospitality and the Categorical Imperative of LGBTQ Asylum Seeking in Lebanon and Turkey. **Migration and Society**, v. 2, n. 1, p. 98-106, 2019.

GUERRA, A. R. D. T.; WIESINIESKI, L. C. B. S.; BRASILEIRO, I. L. G. Lazer e turismo LGBT em Brasília/DF sob a perspectiva da hospitalidade. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 6, n. 11, p. 85-91, 2018.

HAMPF, M. “Dykes” or “whores”: Sexuality and the Women’s Army Corps in the United States during World War II. **Women’s Studies International Forum**, v. 27, n. 1, p. 13-30, 2004.

HERNANDEZ, A.; SEIF, H.; LU, J. Transfobia e os impactos na saúde mental: uma revisão crítica. **Journal of LGBTQ+ Health Research**, v. 34, n. 2, p. 125-145, 2022.

HOLMAN, E. G.; FISH, J. N.; OSWALD, R. F.; GOLDBERG, A. Reconsidering the LGBT Climate Inventory: Understanding Support and Hostility for LGBTQ Employees in the Workplace. **Journal of Career Assessment**, v. 27, n. 3, p. 544-559, 2019.

HUBBARD, P.; WILKINSON, E. Welcoming the world? Hospitality, homonationalism, and the London 2012 Olympics. **Antipode**, v. 47, n. 3, p. 598-615, 2015.

KANT, I. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 2020.

LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, A. **Em busca da hospitalidade: Perspectivas de para um mundo globalizado**. Barueri: Manole, 2004. p. 1-25.

LASHLEY, C. Hospitalidade e hospitabilidade. **Revista Hospitalidade**, v. 12, n. especial, p. 70-92, maio 2015.

LASHLEY, C.; LYNCH, P.; MORRISON, A. Ways of knowing hospitality. In: LASHLEY, C.; LYNCH, P.; MORRISON, A. (orgs.). **Hospitality: a social lens**. Oxford: Elsevier, 2007.

LATYPOV, A.; RHODES, T.; REYNOLDS, L. Prohibition, stigma and violence against men who have sex with men: Effects on HIV in Central Asia. **Central Asian Survey**, v. 32, n. 1, p. 1-22, 2013.

MABANDLA, N.; DEUMERT, A. Another Populism Is Possible: Popular Politics and Anticolonial Struggle. In: KRANERT, M. (org.). **Discursive Approaches to Populism Across Disciplines**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

MAZZARIELLO, C. C. **Sexualidade e prevenção do HIV/Aids entre jovens gays numa favela de São Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MCRAY, B.; RUFF, S. Who Belongs among the “We?”: Hospitality, the Gospel, and the Systemic Sin of Christian Higher Education against LGBTQ+ Students. **Christian Education Journal**, v. 18, n. 2, p. 289-307, 2021.

MEDEIROS, B. N. **Faces do silêncio e o ecoar nas existências trans no contexto sócio-organizacional**. 2022. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

MELO, H. G. **Diversidade sexual e experiências urbanas: um estudo na cidade do Natal/RN**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MEYER, D. The prevalence of homophobia and its consequences: A review of recent studies. **Social Issues Research Center**, v. 58, n. 3, p. 202-219, 2015.

MOLINIER, P.; WELZER-LANG, D. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, H. et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 101-106.

MOREIRA, L. Doing Intimate Citizenship: Resisting the Heterosexual Matrix Across and Beyond Intimacy. **Sexuality and Culture**, v. 24, p. 1875-1892, 2020.

MOREIRA, M.; CENSON, D.; CAMPOS, L. J. “Gay Friendly pra quem?”: Problematizando relações entre reprodução ideológica e produção de violência do turismo LGBT. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 11, n. 1, 2022.

MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006.

NAGAMINE, R. R. V. K.; NATIVIDADE, M. T. Aquém do fundamentalismo, além da intolerância: hostilidade e hospitalidade no debate sobre direitos de gays e lésbicas. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, p. 279-305, 2017.

PITT-RIVERS, J. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 501-517, 2012.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, T. (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

REJOWSKI, M. **Tesouro brasileiro de turismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

REJOWSKI, M.; ALDRIGUI, M. Periódicos científicos em turismo no Brasil: dos boletins técnico-informativos às revistas científicas eletrônicas. **Revista Turismo em Análise**, v. 18, n. 2, p. 245-268, 2007.

RIBEIRO, H. J.; BARRETTO, E. F. Camus: um convite a falar da hostilidade. **Revista Língua & Literatura**, v. 15, n. 24, p. 1-289, 2013.

RO, H.; OLSON, E.; CHOI, Y. An Exploratory Study of Gay Travelers: Socio-Demographic Analysis. **Tourism Review**, v. 72, n. 1, 2017.

ROSENBUSCH, H.; EVANS, A.; ZEELEMBERG, M. Interregional and intraregional variability of intergroup attitudes predict online hostility. **European Journal of Personality**, v. 34, n. 5, p. 859-872, 2020.

SÁNCHEZ, D. M.; PIEDRA, J. El colectivo LGTBI en el deporte como objeto de investigación sociológica: estado de la cuestión. **RES. Revista Española de Sociología**, v. 28, n. 3, p. 501-516, 2019.

SANTOS, A. L. Beyond Binarism? Intersex as an Epistemological and Political Challenge. **RCCS Annual Review [Online]**, v. 6, outubro 2014.

SANTOS, M. S. Sexo, gênero e homossexualidade: o que diz o povo-de-santo paulista? **Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 6, n. 2, maio 2009.

SCHEITL, C. P.; WOLF, J. K. The religious origins and destinations of individuals identifying as a sexual minority. **Sexuality & Culture**, v. 21, n. 3, p. 719-740, 2017.

SEVERINI, V. F. Hospitalidade urbana: ampliando o conceito. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 3, n. 2, p. 84-99, 2013.

SILVA, B. J. C. **Movimentos sociais, turismo LGBTQIA+:** um olhar crítico acerca dos espaços gay friendly. 2021. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2021.

SILVA, M. A. **Aplicabilidade da “Lei de Feminicídio” como qualificadora na violência contra mulheres transexuais.** 2021. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal de Campina Grande, Sousa, 2021.

SINGH, R. S.; WATFORD, T. S.; COTTERMAN, R. E.; O'BRIEN, W. H. A pilot study of acceptance and commitment therapy for sexual minorities experiencing work stress. **Journal of Contextual Behavioral Science**, v. 16, p. 25-29, 2020.

USSHER, J.; POWER, R.; PERZ, J.; HAWKEY, A. J. LGBTQI inclusive cancer care: A discourse analytic study of health care professional, patient and carer perspectives. **Frontiers in Oncology**, v. 12, p. 832657, 2022.

Recebido em outubro de 2024.

Aprovado em agosto de 2025.